CAPITULO X - CONSIDERAÇÕES FINAIS, CONCLUSÕES E SUGESTÕES

O presente trabalho apresentou um estudo visando estabelecer uma interface entre duas áreas do saber relacionadas às ciências humanas: a Comunicação Social e a Psicologia.

Ao iniciar o trabalho a autora enfrentou, por assim dizer, um desafio, visto que o tema de interesse não apresentava até o momento pesquisas que, de algum modo, pudessem fornecer subsídios, indicando caminhos a seguir. Encontrou apoio em alguns poucos estudos na área da Comunicação que utilizaram métodos também empregados na área da Psicologia e outros que tiveram como objeto de estudo os meios de comunicação de massa, mais especificamente, a mídia para jovens (LOYAZA, 2003; GONÇALVES, 2003; GOBBI, 1999).

Quando foram traçados os objetivos e formuladas as principais hipóteses que serviram de estímulo para ir-se em busca de algumas respostas, o assunto começou a provocar e aguçar um veio de pesquisadora. Afinal, conforme visto na introdução deste trabalho e a partir do problema de pesquisa levantado, percebe-se que o tema é de certa forma polêmico. Voltado a uma parcela cada vez mais significativa da população - o jovem adolescente diante do vestibular - o estudo buscou verificar como esse jovem é percebido, representado pela mídia especializada e quais aspectos de sua vida são abordados e discutidos.

Segundo os vários autores pesquisados para a fundamentação deste trabalho, a mídia tem o papel de informar a sociedade sobre a realidade que a rodeia. Sabe-se que, sem a mídia, não se teria acesso à maior parte dos acontecimentos que ocorrem no dia a dia, a cada hora, cada minuto e segundo. Os fatos se desenrolam (ou se sucedem) numa velocidade incrível, em vários espaços e tempos. As informações não param de chegar às TVs, à Internet, aos jornais e aos mais variados meios de comunicação. E mesmo com todo o aparato e toda a tecnologia, a mídia nem sempre fornece as informações completas ou talvez as que as pessoas mais necessitam numa dada época de suas vidas.

Contudo, além de informar, a mídia tem o papel de educar e de instruir (GUARESCHI; BIZ, 2005). A família e a escola têm papel fundamental e primordial nessa arte de educar. Entretanto, relembrando a citação de Melo (1999, p. 42) "os meios de comunicação de massa desempenham um papel decisivo na formação da população brasileira. Eles atuam verdadeiramente como educadores coletivos" (grifo nosso). Ou seja, a mídia deve ter o papel de complementar essa formação, favorecendo-a por meio de informações tanto mais próximas da realidade e completas quanto possíveis. Além disso, em se tratando do adolescente vestibulando, é importante que sua representação pela mídia seja isenta de preconceitos, jargões e estereótipos, evitando-se imagens ou temas que possam dar uma idéia de que o simples fato de ser aprovado num vestibular na mais famosa Universidade do Estado ou país será garantia de sucesso profissional e altos ganhos financeiros.

Sabe-se que a mídia não é neutra; ela se constitui em um veículo formador de opiniões. É considerado o "quarto poder", segundo a visão de alguns autores (GUARESCH; BIZ, 2005; BARZOTTO; GHILARDI, 1999; SOARES, 1996). Na avaliação de Thompson (1999), é um poder simbólico de grande influência sobre o indivíduo. Ainda, de acordo com esses mesmos autores, deve-se cuidar para que o cidadão se constitua num "quinto poder", por assim dizer, procurando desenvolver uma leitura crítica e reflexiva sobre a mídia, seja de que natureza ela for. Daí a relevância da educação, em todos os sentidos, não importa em que espaço seja desenvolvida: na família, na escola, nos grupos sociais. E aqui também deve estar inserido o papel da mídia, como educador, papel esse que deve ser desempenhado com a maior responsabilidade, de acordo com princípios éticos, voltados mais para o indivíduo, como cidadão, do que aos interesses ideológicos e políticos de grupos.

Não se pode dizer que o assunto apresentado e discutido nesta tese esteja esgotado. Nem se pode, por conseguinte, tirar conclusões definitivas. Muito ainda pode e deve ser estudado sobre o tema. Nem foi esse o objetivo. Pelo contrário. A pretensão ao se pesquisar sobre a mídia e o jovem vestibulando, além de investigar como a mídia especializada representa o vestibulando com

relação aos aspectos biopsicossociais, foi levantar questões e provocar discussões sobre o assunto. Por outro lado, buscou-se, também, oferecer sugestões para que os meios de comunicação de massa, especialmente voltados a esse público, possam melhor atender a esse adolescente, buscando trazer-lhe informações e orientações mais adequadas que possam servir de suporte (ou apoio) para minimizar suas angústias, incertezas e temores nessa fase tão crucial e importante de sua vida.

Acredita-se que seria interessante ampliar o estudo sobre o tema, procurando investigar e analisar suplementos e revistas *teens* de outras regiões do país, especializados no vestibulando, comparando os dados daí resultantes com novas pesquisas com adolescentes tendo uma amostra maior de vestibulandos, igualmente das várias regiões do país. Tais dados poderiam fornecer informações mais amplas e seguras e também servir de subsídios para que a mídia especializada para jovens esteja mais atenta às questões que dizem respeito à vida dos adolescentes, principalmente os que se encontram na fase do vestibular. Outrossim, que, a partir daí, procure abordar tais temas não de forma tão superficial, mas discuti-los de modo mais amplo e, dir-se-ia até exaustivo, ocupando espaços mais extensos de publicação, quer seja dentro das revistas como dos suplementos. A esse respeito, do mesmo modo como se ancoram em especialistas em economia e publicidade, conviria que os responsáveis pela redação dos suplementos e revistas especializadas para jovens buscassem apoio em psicólogos e outros profissionais da área da saúde e da educação, que lhe fornecessem subsídios adequados a fim de que os temas pudessem ser apresentados e refletidos de modo mais profundo e enriquecedor.

Seria interessante, também, que outros estudos procurassem investigar o que o adolescente vestibulando pensa a respeito do que a mídia veicula a seu respeito, ou seja, se ele considera que a representação feita pela mídia condiz com a visão que tem de si mesmo. Da mesma forma, a opinião da família desse jovem deveria ser pesquisada.

Crê-se, também, em que o tema apresentado e discutido neste trabalho seja de grande valia para profissionais e estudiosos de ambas as áreas. Toma-se a

liberdade de fazer tal afirmação, pois, a partir da análise do mesmo assunto - jovem e vestibular - sob duas vertentes (dois enfoques, o psicológico e o jornalístico), a mídia especializada poderá perceber se o que ela veicula, através de suas matérias, retrata de modo fiel e sem tendenciosidade as várias e diferentes facetas do jovem: como ele pensa, sente, reage diante de situações do seu cotidiano, especialmente numa época de sua vida tão crucial e decisiva.

Para nós, psicólogos, termos contato mais direto e constante com os meios de comunicação de massa, mais especificamente a mídia para jovens, pode trazer-nos uma visão mais abrangente que, embora de certa forma crítica, também possa ser mais reflexiva, criteriosa e isenta de conceitos estabelecidos a priori.

Conforme salientado, nas justificativas deste trabalho, se houver a união de forças - da Comunicação e da Psicologia - duas áreas do saber interessadas pelo estudo do Ser Humano, certamente será possível desenvolver-se um trabalho mais amplo, completo e satisfatório que trará efeitos benéficos para o indivíduo. Essa interdisciplinaridade é possível e cada vez mais necessária diante de um mundo globalizado, em que as informações sucedem-se minuto a minuto e as exigências de melhor desempenho tornam-se cada vez mais acentuadas. Em se tratando de adolescentes, especialmente na fase do vestibular, grande parte das vezes, as conseqüências disso podem ser mais negativas do que positivas. Daí a importância desse trabalho interdisciplinar, de natureza sócio-educacional, o qual contribuirá sobremaneira para a promoção da saúde mental do jovem, uma vez que lhe propiciará condições para uma adaptação mais eficaz às diversas e diferentes situações de seu cotidiano. Citando Falaschi (in BARZOTTO; GHILARDI,1999, p.63),“é possível lutar por uma Imprensa de melhor qualidade”.

Para finalizar, destaca-se que este estudo, tendo como projeto temático a comunicação especializada, procurou fazer uma leitura da mídia impressa especializada para jovens, focalizando especificamente o vestibulando. Utilizou-se a análise de conteúdo de suplementos *teens* e revistas especialmente voltadas para esse público, tendo como base a teoria da adaptação humana de Simon

(1989), através da EDAO - Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada, instrumento empregado para a análise setorial dos aspectos psicossociais do indivíduo. A EDAO, com base na teoria da adaptação humana, analisa quatro setores considerados fundamentais na vida da pessoa: Afetivo-Relacional; Produtividade; Sócio-Cultural e Orgânico.

Os dados permitiram concluir que é possível empregar a EDAO como um instrumento de análise de conteúdo da mídia impressa especializada para jovens. Tal conclusão corrobora a hipótese secundária desta tese e vai ao encontro de um dos objetivos da mesma. Deve-se salientar, por outro lado, que tais colocações reiteram as conclusões encontradas em estudo recente sobre a imprensa jornalística e o universitário (FRANCO, 2007).

A partir desta constatação, sugere-se que a análise setorial da EDAO seja utilizada por outros pesquisadores, na área da Comunicação Social, cujo estudo pretenda proceder à análise de conteúdo do discurso escrito da mídia para jovens.

Acredita-se que, também em pesquisas realizadas sobre o discurso falado da mídia - por exemplo, a televisiva - quando veicula noticiário a respeito do adolescente, em especial do vestibulando, seja possível empregar-se esse tipo de análise setorial. Sem dúvida seria enriquecedor em se tratando de estudos sobre os aspectos psicossociais dessa população, pois permite observar se houve uma visão integral desse jovem, por parte da mídia ou, se pelo contrário, existiu uma ênfase maior em um ou outro setor.

Além da Comunicação Social, outras áreas voltadas às Ciências Humanas, Sociais e da Educação poderão fazer uso da EDAO como instrumento de análise do conteúdo do discurso, quer seja falado como escrito.

Na área da Pedagogia, por exemplo, tanto professores como outros profissionais da equipe pedagógica da escola, em suas conversas e orientações ao aluno, poderão perceber em qual (is) setor (es) de sua vida o estudante está respondendo com maior ou menor adequação. A partir dessa análise, tais profissionais terão mais elementos para auxiliá-lo a encarar e enfrentar as situações que se lhe apresentam, buscando solucioná-las de modo mais adequado, o que contribuirá para a eficácia adaptativa desse adolescente.